

CAPÍTULO 1

ARQUEOLOGIA E TURISMO PARA A PAZ – PATRIMÔNIO CULTURAL E TURISMO NO ÂMBITO DO 16º OBJETIVO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES FORTES

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/pcultura01>

Fabio Carbone

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: SOBRE A FUNCIONALIDADE DA TÉCNICA (ATÉ NA PERPETRAÇÃO DO MAL) E A URGÊNCIA DA ÉTICA

O presente nos apresenta desafios que apenas algumas décadas atrás (às vezes, apenas anos) eram impensáveis. A utopia de uma nova ordem mundial em nome de uma interdependência pacífica de povos e nações – favorecida pelo rápido processo de globalização – deu lugar à multiplicação de demandas díspares e muitas vezes conflitantes. A instabilidade, característica de nossos tempos, envolve política, economia e finanças, meio ambiente, sociedade, segurança e equilíbrio internacional. Análises geopolíticas sugerem uma realidade cheia de pontos de interrogação: o Oriente Médio está caminhando para novos equilíbrios ou novos desastres? Que resultados terá o novo confronto entre Estados Unidos, Rússia e China? E mais, do ponto de vista social: aquela fortemente (auto)celebrada primazia ocidental, que já havia sofrido uma crise econômica devastadora, está agora sendo dramaticamente minada pelos repetidos ataques terroristas que ameaçam seu modelo de coexistência baseado na democracia, liberdade, igualdade e justiça social? Nossa reação aos dramáticos fenômenos migratórios dos últimos anos nos conscientizou de nosso racismo latente e de quão fraco pode ser nosso senso de identidade? A apatia substancial em relação ao sofrimento do próximo fez de todos nós partícipes de uma pós-humanidade? E, por fim, como resolver o paradoxo que vê, por um lado, avanços incríveis em tecnologia e ciência e, por outro, o aumento (principalmente entre os jovens) do analfabetismo funcional? E como lidar com o analfabetismo emocional e o niilismo da juventude ocidental? Trata-se de um conjunto de fenômenos transitórios ou de uma realidade estrutural? Como enfrentar os desafios do presente, como imaginar os cenários futuros na Era da incerteza?

“Somos espectadores ainda inconscientes e incertos de uma ruptura histórica”, diz o sociólogo francês Yves Mény (2019). No entanto, essa mesma condição de incerteza e instabilidade que permeia o presente deveria apelar para a nossa maior responsabilidade e ação. A primeira responsabilidade indi-

vidual e coletiva seria a de nos esforçarmos para uma melhor análise e um maior entendimento do que nos rodeia e atuarmos sem hesitação, pois a História não perdoará a apatia ou a inconsistência do compromisso com um futuro melhor. E também precisamos ter cuidado com um mal-entendido típico dos nossos tempos, uma ilusão, logo uma armadilha: a confiança no progresso da técnica e, nomeadamente, da tecnologia. Embora não se possam negar os importantes benefícios trazidos pelos avanços técnicos em praticamente todos os campos, seria necessária uma pausa para refletirmos sobre o fato de que, em qualquer caso, técnica, em geral, e tecnologia, em particular, não fornecem um horizonte futuro, uma perspectiva, ao contrário do que é capaz de fazer a reflexão e a ética. Esse apelo para agir é assim transformado em um apelo para redescobrir a ética e os valores por trás das coisas humanas: história, política, convivência entre os povos e assim por diante. Nesse sentido, estou convencido de que, na base de toda a *res* humana, deve haver o propósito de melhorar a condição do próprio ser humano, recuperando a filosofia kantiana pela qual o homem deve ser o fim de qualquer ação e não meramente um meio. Essa reflexão nos leva para uma mudança de paradigma e uma perspectiva que muda (ou pelo menos deveria mudar) a abordagem de cada pessoa para com qualquer atividade profissional e não profissional e em qualquer nível: local, regional, nacional ou internacional e global.

E, finalmente, uma vez esclarecido o paradigma usado, podemos introduzir o tema deste capítulo: a função do patrimônio cultural e do turismo no campo da sustentabilidade, em particular na criação da paz, o décimo sexto objetivo do desenvolvimento sustentável das Nações Unidas: Paz, Justiça e Instituições Fortes.

TURISMO E PAZ (?)

No mundo atual de mudanças extremamente dinâmicas e, por vezes, dramáticas, o turismo é considerado uma força global para o bem. Criando

oportunidades para a elevação de economias, sociedades, culturas e ambientes em todo o mundo, o setor é responsável por um em cada 10 empregos em todo o mundo, 10,4% do GPD global e 30% dos serviços. É importante ressaltar que o impacto socioeconômico é acompanhado pelo impacto puramente social, já que o turismo – argumenta o atual debate acadêmico – leva ao encontro de diferentes povos e culturas. Vários autores afirmam que – se certos pressupostos estiverem satisfeitos – o turismo pode ser veículo de reconciliação em áreas e sociedades em situação de pós-conflito (veja, entre outros, CARBONE, 2021; ZHANG, 2017; CAUSEVIC; LYNCH, 2011). Na realidade, já vários líderes mundiais, entre os quais John F. Kennedy, Ghandi, Bill Clinton e Tony Blair, reconheceram a importância do setor de viagens e turismo para conduzir a paz, a segurança e a compreensão. Em 1988, antecipando até o conceito de sustentabilidade lançado alguns anos mais tarde pelas Nações Unidas e promovendo um primeiro código ético do turismo, Louis D'Amore (1988) lançou o conceito de “Turismo: indústria de paz”, que foi a base para a criação do Instituto Internacional para a Paz através do Turismo, que hoje conta com muitos capítulos no mundo.

Em breve, iniciou também, em nível acadêmico, um intenso debate. No princípio, falou-se de *turismo pós-conflito* com Smith (1998) em um artigo publicado pelos *Annals of Tourism Research*, onde ele se concentra na atividade turística após a Segunda Guerra Mundial. Nesse artigo, ele afirma que

[...] a Segunda Guerra Mundial foi um marco no turismo: criou a tecnologia para uma mobilidade global rápida e eficiente; gerou as motivações para o turismo de massa; e, por causa do horror humano dos holocaustos nucleares, estimulou novas políticas que estimulassem o contato entre povos, também através do turismo. (SMITH, 1998, p. 204).

Desde então, abordou-se o tema sob diferentes perspectivas, como a justiça transicional e a (re)construção do Estado (NOVELLI; MORGAN;

NIBIGIRA, 2012), a “patrimonialização” e/ou transformação dos locais herdados da guerra (CAUSEVIC; LYNCH, 2011; PACKER; BALLANTYNE; UZZELL, 2019), a (re)construção de identidades nacionais contestadas por meio do turismo pós-conflito (ZHANG; XIAO; MORGAN; LY, 2018; ZHANG, 2017) e até a marca do destino turístico após um conflito armado (SHIRLEY; WYLIE; FRIESEN, 2018). Por outro lado, Selwitz (1996) explora os benefícios da paz para Turismo e hospitalidade.

Em suma, em pouco tempo, consolidou-se com certa unanimidade (hoje não mais tão sólida) a ideia de que o turismo contribui para sociedades mais pacíficas; os países com turismo mais sustentável são mais propensos a desfrutar de níveis mais altos de paz positiva no futuro, pois quanto mais sustentável for o setor de turismo do país, menor será o nível de violência; nos países afetados por conflitos, o turismo representa um veículo de recuperação socioeconômica (BURNETT, 1990), tendo um alto nível de resiliência à violência e aos conflitos, até mesmo na presença de ataques terroristas direcionados aos turistas.

Com base nessas convicções e no âmbito dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, hoje

[...] o turismo pode proporcionar uma contribuição significativa especialmente no contexto do Objetivo 16 – JUSTIÇA, PAZ E INSTITUIÇÕES FORTES. O turismo assenta em bilhões de encontros entre pessoas de diversas origens culturais. Como tal, o setor pode promover a tolerância e a compreensão multicultural e inter-religiosa, estabelecendo as bases para sociedades mais pacíficas. O turismo, que beneficia e envolve as comunidades locais, também pode consolidar a paz nas sociedades pós-conflito. (WORLD TOURISM ORGANIZATION; UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME, 2017, p. 17).

Figura 1: Objetivo 16 dos SDGs e o compromisso do turismo (por parte da Organização Mundial do Turismo) de contribuir para seu consequimento



Fonte: Tourism For SDGs.org (s.d.). Retirado de <http://tourism4sdgs.org/sdg-16-peace-justice-institutions/>. Acesso em: 01 abr. 2019.

Nesse sentido, no entanto, é necessário fazer considerações importantes à luz da literatura existente. De fato, se é verdade, por um lado, que tanto as agências internacionais quanto os diversos acadêmicos deram até agora um impulso importante ao surgimento do debate acerca do turismo como veículo de paz, por outro lado, esse debate deveria hoje ser revisto e elevado a um nível mais alto de complexidade. Antes de mais nada, destaca-se a necessidade de emancipação das ideias iniciais que, sim, representaram o impulso inicial, mas que hoje parecem pecar por alguma ingenuidade e falta de um discurso sólido, assente, por exemplo, em demonstrações empíricas sobre a capacidade do turismo de ser um veículo para a construção da paz, e os processos associados. Já nos anos 80, autores se perguntavam sobre a real capacidade do turismo de criar paz (BROWN, 1989) e se ele, mais do que um veículo para a paz, era apenas um mero beneficiário dela (LITVIN, 1998). Essas abordagens, no entanto, não tiveram seguidores nem seguimento.

Pesquisar, explorar, discutir e propor novas abordagens e iniciativas através das quais os vários setores da indústria global do turismo possam facilitar e contribuir para o objetivo de “Paz Global através do Turismo”, esse é o desafio. Antes de mais nada, seria necessário rever as abordagens ao debate para torná-lo mais interdisciplinar. Nesse sentido, estudos meus recentes ex-

ploraram a ligação entre patrimônio cultural e desenvolvimento do turismo no contexto da promoção de uma cultura de paz (CARBONE, 2018a, 2018b, 2019, 2021), e os modelos propostos se baseiam na articulação de teorias oriundas da área de estudo, como gestão do patrimônio cultural, turismo e *Peace and conflict studies*.

SOBRE AS (POSSÍVEIS) DINÂMICAS ENTRE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E O DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO PARA A PAZ

O conceito de turismo como indústria da paz é fascinante e foi uma das minhas fontes de inspiração como arqueólogo, que até me levou a deixar definitivamente as escavações para me dedicar exclusivamente ao estudo da função social do patrimônio cultural. Contudo, na seção anterior, falamos de “emancipação”. Eu acredito de fato que a ideia de “indústria de paz” deve, por exemplo, ser revista. A ideia de *indústria* em si como entidade que produz, cria algo *em série*, não parece ser a base correta para a busca de maior complexidade no debate. Essa minha convicção está alinhada com o discurso promovido várias vezes pelo Papa Francisco (2018, n.p.), que em vista do 52º Dia da Paz (1º de janeiro de 2019) afirmou: “*Bem-aventurado é o político artesão da paz*”. Não é apenas um exercício retórico propor a alteração do termo “indústria” com o de “artesanato” de Paz. O artesanato pressupõe trabalho manual, comprometimento e engenhosidade que, pelo menos na percepção comum, o termo *indústria* não sugere. E a paz é uma construção que deve ser modelada. Não existe na natureza. Aqui está, então, a implicação dessa primeira consideração, que, à primeira vista, é puramente retórica. A criação de uma cultura de paz requer engenhosidade e o uso sábio de diferentes artes e habilidades. Qual o papel da arqueologia e do patrimônio cultural em geral?

“A arqueologia é, em parte, a descoberta dos tesouros do passado, em parte o trabalho meticuloso do analista científico, em parte o exercício da imaginação criativa” (RENFREW; BAHN, 2012). E isso é o que os manuais de arqueologia nos ensinam. Definição fascinante (para citar apenas uma delas), mas eventualmente algo que não reflete (pelo menos não explicitamente) a complexidade do apelo mencionado na introdução do capítulo de um compromisso compartilhado para a criação de um futuro sustentável e de paz. Nesse sentido, a “Convenção de Faro sobre o valor do patrimônio cultural para a sociedade” é um dos documentos mais recentes que visam revisar o paradigma tradicional sobre o valor do patrimônio cultural, incluindo a arqueologia. Essa Convenção se baseia na ideia de que o conhecimento e o uso do patrimônio fazem parte do direito do cidadão de participar da vida cultural, conforme definido na Declaração Universal dos Direitos Humanos, e apresenta o patrimônio cultural como um recurso para o desenvolvimento humano, a valorização da diversidade cultural e a promoção do diálogo intercultural e como parte de um modelo de desenvolvimento econômico baseado nos princípios do uso sustentável dos recursos (COUNCIL OF EUROPE, 2005).

No caso específico da associação entre patrimônio cultural e paz, a potencial contribuição que o patrimônio cultural poderia trazer para a construção da paz foi amplamente ignorada (WALTERS; LAVEN; DAVIS, 2017). Contudo, tendências novas e distantes de serem unânimes e um forte debate caracterizado por fortes controvérsias estão surgindo recentemente (e o presente livro é representativo dessas tendências), sobre o que Stone (2017, p. xii-xiv) define como “[...] papel emergente e crescente aceitação entre os profissionais do patrimônio da necessidade de se envolver com essa responsabilidade [...]”; isto é, a promoção do diálogo intercultural para a paz.

A 8ª Conferência Internacional de Museus da Paz – “O papel dos museus de paz na prevenção da guerra e na promoção da lembrança, da verdade histórica e da reconciliação” –, realizada em No Gun Ri, na Coreia, em 2014, convocada sob a égide conjunta da Rede Internacional de Museus para a Paz e a Fundação Internacional para a Paz da NGR, é representativa dessa nova

tendência pela qual organizações supranacionais como a UNESCO convidam curadores e gerentes de patrimônio cultural a abraçar esse novo desafio. Nessa perspectiva, muito recente é também a tentativa do ICOM de alterar a própria definição de museu, propondo uma descrição que melhor reflete a responsabilidade em promover o diálogo intercultural e a compreensão global. Por sua vez, o fracasso dessa tentativa realizada durante a última conferência do ICOM, em Kyoto, em agosto de 2019, representa, na minha opinião, a natureza extremamente controversa dessas novas propostas conceituais.

Em linha com essa tendência emergente, há alguns anos formulei um modelo conceitual chamado “abordagem Paideia à gestão do patrimônio cultural para o desenvolvimento do turismo e das comunidades locais” (CARBONE, 2011). Foi esse o primeiro passo no sentido de vincular a gestão do patrimônio cultural com a paz através do turismo, associando até a capacidade de valorizar a importância social do patrimônio cultural à qualidade de sua gestão (CARBONE, 2016; CARBONE; OOSTERBEEK; COSTA, 2013). O nome do modelo foi inspirado no ideal filosófico de Paideia, que teve o seu auge com Sócrates (V século a.C.), segundo o qual o “autoconhecimento” é a condição para que cada indivíduo viva em paz e harmonia com os outros. Apliquei esse ideal em nossas sociedades – considerando também a profunda crise de identidade que afeta o Ocidente –, propondo inserir a valorização do patrimônio cultural como fulcro de um sistema integrado de desenvolvimento humano e sustentável. Esse processo assentaria, então, por um lado, no reforço da conscientização cultural das comunidades locais (*cultural awareness*) através da promoção de uma maior participação pública no processo de gestão do patrimônio cultural, também por meio de uma ligação mais sólida com a educação formal. Por outro lado, a valorização do patrimônio teria como objetivo aumentar as competências interculturais na sociedade através da instrução e da valorização turística do patrimônio cultural. Este último se torna, assim, a mais importante plataforma de encontro, diálogo intercultural e crescimento sociocultural em direção à paz.

Nesse modelo, finalmente estão claramente definidos o papel e o posicionamento do turismo e da cultura no processo de promoção de entendimento mútuo global para a paz, a sustentabilidade e o desenvolvimento humano. Trata-se de um processo no qual a conexão entre o desenvolvimento do turismo e a maior participação pública nas práticas de gestão do patrimônio cultural estão fortemente interligadas. Os argumentos subjacentes ao discurso sobre turismo, patrimônio cultural e paz se tornam assim mais bem definidos, mais concretos e visíveis. A inicial simplicidade – embora própria de uma grande intuição – que caracterizou a origem do debate sobre “Turismo (Cultura) e Paz” deixa espaço a uma maior complexidade e concretude. Da mesma forma, ultrapassa-se a tradicional abordagem acadêmica (em particular na área de turismo) à associação “cultura, patrimônio cultural e turismo”, que se caracteriza por focar em dinâmicas meramente ligadas à turistificação de recursos culturais e ao sucesso do patrimônio cultural como atração turística e como fonte de renda através do turismo e no âmbito da competitividade entre destinos. Hoje se registra um crescimento do número de estudos em turismo e patrimônio que se concentram mais na experiência, identidade, administração local e capacitação do que nos argumentos ligados à mais tradicional narrativa de oferta/demanda dos trabalhos anteriores (TIMOTHY, 2018). E o presente trabalho reflete essa tendência, explorando de forma pioneira um debate ainda mais complexo acerca da construção de uma cultura de paz através do patrimônio cultural e do turismo.

Fora do contexto acadêmico, por fim, não podemos deixar de mencionar a organização que mais reflete na sua razão de ser o eixo cultura-turismo-paz: o Instituto Internacional para a Paz através do Turismo (IIPT). O IIPT – do qual tenho a honra de ser embaixador – nasceu em 1986, o Ano Internacional da Paz, e foi fundado por Louis D’Amore, propondo uma visão de viagens e turismo como a primeira indústria mundial da paz no mundo e promovendo a figura de todos os turistas como “Embaixadores da Paz”. A Primeira Conferência Global do IIPT, “Turismo: Uma Força Vital para a Paz” (Vancouver, 1988), com 800 delegados de 68 países, foi um evento que re-

presentou um momento histórico e lançou o debate sobre o qual ainda hoje nos debruçamos: em uma época em que a maioria do turismo era “de massa”, essa Conferência introduziu, pela primeira vez, o conceito de “Turismo Sustentável”, bem como um novo paradigma para um “Propósito Maior” de turismo, que enfatiza o papel fundamental do turismo na promoção de viagens e iniciativas de turismo, as quais contribuem para a compreensão internacional e a cooperação entre as nações, a valorização cultural e a preservação do patrimônio, a redução da pobreza e a reconciliação após conflitos. Em suma, a visão de um turismo que efetivamente possa contribuir para criar um mundo pacífico e sustentável.

Figura 2: A inauguração do capítulo iraniano do IIPT em 18 de abril de 2018



Fonte: IIPT-Iran (2018). Disponível em: <https://peacetourism.org/iran/>. Acesso em: 15 dez. 2019.

O IIPT é ativo em nível global através de seus diferentes capítulos em todo o mundo, promovendo ativamente a ideia de turismo como veículo de paz por meio de iniciativas que envolvem massivamente o aspecto cultural e a valorização do patrimônio cultural.

CONCLUSÃO

Este capítulo contém uma série de reflexões sobre o debate atual a respeito da possível contribuição do turismo para a criação e a promoção de uma cultura de paz. Apesar dos impulsos otimistas – e às vezes ingênuos – que caracterizaram as origens do debate, as modalidades e as condições necessárias para que o turismo se torne um veículo eficaz de paz ainda não são claras e o debate permanece vago. As evidências empíricas que contradiziam a crença de que o mero contato entre turistas e população local poderia ser benéfico do ponto de vista social tornaram mais urgentes novos estudos e reflexões. Acima de tudo, há uma necessidade urgente de aumentar o nível de complexidade do debate.

Portanto, para ter um impacto real na sociedade, pode ser útil informar nossas posições explorando outras áreas além do turismo. Nesse sentido, o capítulo apresenta também a abordagem proposta nos meus últimos estudos, abandonando a abordagem tradicional à associação entre patrimônio cultural e turismo, explorando e tendo em consideração a perspectiva dos “Peace and conflict studies”.

Nesse sentido, a proposta de focalizar um modelo de gestão do patrimônio cultural que, por um lado, possa garantir a promoção da conscientização cultural e, por outro, o reforço das capacidades interculturais de moradores e turistas representa uma das minhas respostas à necessidade de um debate mais complexo, juntamente com as convenções supranacionais da organização mundial de turismo ou outros agentes supranacionais como o Conselho Europeu. No entanto, ainda é necessário muito trabalho e um grande esforço para mover as consciências dos acadêmicos e operadores das duas áreas interessadas – turismo e patrimônio cultural – para que sejam sensibilizados e assumam um sólido compromisso para proporcionar, através de seus trabalhos, uma contribuição muito importante à construção de sociedades mais abertas, sustentáveis e pacíficas, aspirando à paz perpétua que Kant imaginou mais de dois séculos atrás.

O caminho é definitivamente mais complexo – e talvez complicado – do que pensávamos, mas a história nos ensina que tudo é possível se existe uma firme vontade. Nesse sentido, continuo dizendo como um mantra a meus alunos e em minhas orações públicas que *fomos capazes de enviar turistas para o espaço, agora é a hora de trazê-los de volta à Terra e construir juntos um futuro melhor de paz e compreensão global!*

AGRADECIMENTOS

“Nos esse quasi nanos gigantium humeris insidentes, ut possimus plura eis et remotiora videre, non utique proprii visus acumine, aut eminentia corporis, sed quia in altum subvehimur et extollimur magnitudine gigantea” (JOHN OF SALISBURY, 1159, p. 136). Partilho totalmente dessa afirmação de Bernardo de Chartres – “somos como anões nos ombros de gigantes” – e como tal quero expressar gratidão a todos aqueles com quem me sinto em “dívida intelectual”, porque me levantaram sobre seus ombros e contribuíram para enriquecer minha visão do mundo ao longo dos últimos 20 anos. Em particular, quero agradecer ao amigo e mentor Professor Gioacchino Lena, ao Professor Paolo Carafa (meu primeiro professor de arqueologia, hoje grande amigo), ao Professor Carlos Costa e ao Professor Luiz Trigo. Não posso me esquecer da pessoa que me ensinou a importância de estudar – “porque o olho vê o que o cérebro conhece” – e ao qual a única censura que pode ser feita é a de nos ter deixado cedo demais: o Professor Giuseppe Roma. E, finalmente, um dos gigantes mais altos, que por mais de uma década me inspirou (e continua me inspirando) não apenas com suas reflexões sobre o mundo que nos rodeia, mas também e sobretudo com sua grandeza e honestidade intelectual: o professor Luiz Oosterbeek. Obrigado.

REFERÊNCIAS

BROWN, F. Is tourism really a peacemaker? **Tourism Management**, [s.l.], v. 10, p. 270-271, 1989.

BURNETT, G. W. On the nature of peace in relationship to tourism: Three cases. **The Tourist Review**, [s.l.], v. 45, n. 1, p. 2-7, 1990.

CARBONE, F. “Don’t look back in anger”. War museums’ role in the post conflict tourism-peace nexus. **Journal of Sustainable Tourism**, [s.l.], p.1-19, 2021. Doi:10.1080/09669582.2021.1901909.

CARBONE, F. A Highest Purpose of Archaeology: Towards a Future Worthy of our Children. **Global Journal of Archaeology and Antropology**, [s.l.], v. 6, n. 4, 2018a. Disponível em: <https://juniperpublishers.com/gjaa/pdf/GJAA.MS.ID.555693.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2019.

CARBONE, F. Cultural Heritage Quality Management: analysis of archaeological heritage managers’ perception. **European Journal of Tourism Research**, [s.l.], v. 14, p. 114-118, 2016.

CARBONE, F. Post-multicultural challenges for cultural heritage managers and museums in the age of migrations. **Museum Management and Curatorship**, [s.l.], p. 1-22, 2018b. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09647775.2018.1498298>. Acesso em: 15 dez. 2019.

CARBONE, F. Tourism and peace: a tool for global integration and peace. *In*: OOSTERBEEK, L.; CARON, L. (Eds.). **Resilience and Transformation in the territories of low demographic density: integrated methodologies of human and social sciences for integrated cultural landscape management**. Mação: Instituto Terra e Memória, 2019, p. 149-165.

CARBONE, F. Valorização Turística do Património Arqueológico em prol da Sociedade: o Paideia Approach. **Boletim ICOM**, [s.l.], série II, n. 11 [dez. 10-

fev. 11], p. 2-10, 2011. Disponível em: https://icom-portugal.org/multimedia/info%20II-11_dez10-fev11.pdf. Acesso em: 15 dez. 2019.

CARBONE, F.; OOSTERBEEK, L.; COSTA, C. Paideia Approach for heritage management: the tourist enhancement of archaeological heritage on behalf of local communities. **Passos – Journal of Tourism and Cultural Heritage**, [s.l.], v. 2, n. 2, p. 285-295, 2013.

CAUSEVIC, S.; LYNCH, P. Phoenix tourism: Post-conflict tourism role. **Annals of Tourism Research**, [s.l.], v. 38, n. 3, p. 780-800, 2011.

COUNCIL OF EUROPE. **Council of Europe Framework: Convention on the Value of Cultural Heritage for Society**. Faro: Council of Europe, 2005.

D'AMORE, L. Tourism: The World's Peace Industry. **Journal of Travel Research**, [s.l.], v. 27, p. 35-40, 1988.

INSTITUTO INTERNACIONAL PARA A PAZ PELO TURISMO – IIPT. **Capítulo do Instituto Internacional para a Paz pelo Turismo no Irã**. 2018. Disponível em: <https://peacetourism.org/iran/>. Acesso em: 15 dez. 2019.

JOHN OF SALISBURY. **Metalogicon** [*in Latin*]. [S.l.:s.n.], 1159.

LITVIN, S. Tourism: The World's Peace Industry? **Journal of Travel Research**, [s.l.], v. 37, p. 63-66, 1998.

MÉNY, Y. **Popolo ma non troppo**. Il malinteso democratico. Bologna: Il Mulino, 2019.

NOVELLI, M.; MORGAN, N.; NIBIGIRA, C. Tourism in a post-conflict situation of fragility. **Annals of Tourism Research**, [s.l.], v. 39, n. 3, p. 1446-1469, 2012.

PACKER, J.; BALLANTYNE, R.; UZZELL, D. Interpreting war heritage: Impacts of Anzac museum and battlefield visits on Australians' understanding of national identity. **Annals of Tourism Research**, [s.l.], v. 76, p. 105-116, 2019.

PAPA FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre Francisco para a celebração do Dia Mundial da Paz**. 1º de janeiro de 2019. “A boa política está ao serviço da paz”. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2018. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20181208_messaggio-52giornatamondiale-pace2019.html. Acesso em: 15 dez. 2019.

RENFREW, C.; BAHN, P. **Archaeology**. Theories, Methods and Practice. 6th ed. London, UK: Thames & Hudson, 2012.

SELWITZ, R. Peace Brings Tourists to Northern Ireland. **Hotel and Motel Management**, [s.l.], v. 211, n. 7-8, p. 40, 1996.

SHIRLEY, G.; WYLIE, E.; FRIESEN, W. The Branding of Post-Conflict Tourism Destinations: Theoretical Reflections and Case Studies. In: NEEF, A.; GRAYMAN, J. H. (Eds.). **The Tourism–Disaster–Conflict Nexus**. Vol. 19. Bingley: Emerald Publishing Limited, 2018, p. 119-139.

SMITH, V. L. War and Tourism. An American Ethnography. **Annals of Tourism Research**, [s.l.], v. 25, n. 1, p. 202-227, 1998.

STONE, P. Preface. In: WALTERS, D.; LAVEN, D.; DAVIS, P. (Eds.). **Heritage and Peacebuilding**. Woodbridge, Suffolk, Inglaterra: Boydell & Brewer, 2017, p. xii-xiv.

TIMOTHY, D. Making sense of heritage tourism: Research trends in a maturing field of study. **Tourism Management Perspectives**, [s.l.], v. 25, p. 177-180, 2018.

TOURISM FOR SDGS.ORG. **16**: Justiça para a paz e instituições fortes. Sem data de publicação. Disponível em: <https://tourism4sdgs.org/sdg-16-peace-justice-institutions/>. Acesso em: 01 abr. 2019.

WALTERS, D.; LAVEN, D.; DAVIS, P. Introduction. In: WALTERS, D.; LAVEN, D.; WORLD TOURISM ORGANIZATION; UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME. **Tourism and the Sustainable Development Goals: Journey to 2030**. Madrid: UNWTO, 2017.

ZHANG, C. X.; XIAO, H.; MORGAN, N.; LY, T. P. Politics of memories: Identity construction in museums. **Annals of Tourism Research**, [s.l.], v. 73, p. 116-130, 2018.

ZHANG, J. J. Rethinking 'heritage' in post-conflict tourism. **Annals of Tourism Research**, [s.l.], v. 66 (Supplement C), p. 194-196, 2017.